

# A UTILIDADE DO INÚTIL DA CIBERDEMOCRACIA PARA A EDUCAÇÃO E PARA A SOCIEDADE

## THE USEFUL UTILITY OF CYBERDEMOCRACY FOR EDUCATION AND SOCIETY

*Carmem Lúcia Albrecht da Silveira*<sup>1</sup>

*Renata Cecilia Estormovski*<sup>2</sup>

*Sandra Maria Zardo-Morescho*<sup>3</sup>

**RESUMO:** O artigo consiste em apresentar a compreensão quanto aos reflexos do útil e do inútil da ciberdemocracia mediante as relações encaminhadas pelos meios midiáticos. Tem como demanda problematizadora a seguinte questão: Qual é a utilidade do inútil e a inutilidade do útil dos meios ciberneticamente interconectados diante dos desafios sociais, culturais, econômicos, políticos e educacionais do mundo global? Para tanto, são apresentadas análises de Bauman e Mauro (2016), Lévy (2002), Santaella (2003, 2016), entre outros autores, quanto as consequências das conexões midiáticas intermediadas pela internet. A pesquisa encaminha-se pela abordagem qualitativa e orienta-se pela revisão bibliográfica. Leva a compreender a fragilidade da ciberdemocracia em alargar e aprofundar as relações democráticas dos contextos social, educacional e político, mas que, no entanto, fidedignamente, empodera o desempenho da ampliação e da manipulação mercadológica interligada globalmente.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ciberdemocracia. Útil. Inútil. Sociedade. Educação.

**ABSTRACT:** The article consists of presenting an understanding of the useful and useless reflexes of cyberdemocracy through the relations forwarded by the media. Its problematizing demand is the following question: What is the use of the useless and the uselessness of the useful of cybernetically interconnected media in the face of the social, cultural, economic, political and educational

<sup>1</sup> Mestra em Educação pela Universidade de Passo Fundo-UPF e Doutora em Educação pela Universidade de Passo Fundo-UPF. E-mail: carmem.albrecht@hotmail.com, ORCID <https://orcid.org/0000-0002-9411-8709>

<sup>2</sup> Doutoranda em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos e mestra em Educação pela Universidade de Passo Fundo. Professora da rede pública estadual do Rio Grande do Sul. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5714-8928>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5288825069833281>. E-mail: renataestormovski@gmail.com.

<sup>3</sup> Doutora em Educação pela Universidade de Passo Fundo. Mestre em Educação pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó - Unochapecó Assistente Técnica-Pedagógica na rede estadual de ensino de Santa Catarina. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9714-1552> Lattes:<http://lattes.cnpq.br/0495783234152564> E-mail: sandramariazm@gmail.com

<https://doi.org/10.36311/1982-8004.2022.v15.n2.p9-22>



This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License.

challenges of the global world? To this end, analyzes by Bauman and Mauro (2016), Lévy (2002), Santaella (2003, 2016), among other authors, are presented, regarding the consequences of media connections mediated by the internet. The research is guided by the qualitative approach and is guided by the literature review. It leads to an understanding of the fragility of cyberdemocracy in broadening and deepening democratic relations in the social, educational and political contexts, but which, however, reliably empowers the performance of expansion and market manipulation interconnected globally.

**KEYWORDS:** Cyberdemocracy. Useful. Useless. Society. Education.

## INTRODUÇÃO

As relações do mundo globalizado se movem pela interconexão midiaticizada originada na revolução tecnológica da ciberdemocracia. As tecnologias decorrentes da internet cerceiam os espaços sociais e se colocam como indispensáveis ao desenvolvimento e ao progresso econômico, social, cultural e político entre os países. O presente artigo tem o objetivo de compreender a relação do útil e do inútil da ciberdemocracia ao fortalecer as conexões pelos meios midiáticos, mas que interferem nas relações (inter) pessoais do *on-line* e *off-line*. Por outro lado, objetiva compreender como os meios midiáticos podem colaborar com a educação e com a produção de conhecimento.

A demanda que encaminha a discussão da pesquisa está na seguinte questão: Qual é a utilidade do inútil e a inutilidade do útil dos meios ciberneticamente interconectados diante dos desafios sociais, culturais, econômicos, políticos e educacionais do mundo global? Define-se a utilidade como qualidade do que seja útil, que tenha préstimos, vantagens e serventia, ou seja, pessoa ou objeto útil (UTILIDADE, 2022). Por sua vez, define o útil como tudo o que seja necessário, que seja proveitoso, sujeito a benefícios e utilidades e que seja vantajoso. Contrário a isso, toma o significado de inútil como infrutuoso e desnecessário, sendo em vão ao que se aproprie por utilidade. A inutilidade se resume ao que tem falta de utilidade, ou seja, improficuidade.

A pesquisa ampara-se pela abordagem qualitativa destinada a compreender aspectos relacionados as influências tecnológicas da ciberdemocracia no contexto social, cultural, econômico, político e educacional contemporâneo. Orienta-se pela revisão de literatura realizada mediante a análise dos seguintes autores: Bauman e Mauro (2016), Lévy (2002), Franco (2007), Ordine (2016), Maturana (1994), entre outros referenciais de apoio. O artigo está organizado em três seções, em que a primeira trata do utilitarismo da ciberdemocracia para o indivíduo em sociedade; a segunda seção refere-se ao contrato entre o útil e o inútil da ciberdemocracia na realidade contemporânea; e a terceira seção aborda a utilidade dos meios midiáticos para a educação e para a pesquisa científica.

## O UTILITARISMO DA CIBERDEMOCRACIA PARA O INDIVÍDUO EM SOCIEDADE

Em meados da década de 1980, surge o modernismo do ciberespaço, referindo-se à cibernética como a ciência do comando e do controle – da governança mundial. Com ela aparecem as mutações das relações da vida social e política e da democracia<sup>4</sup> (e da educação) definida por ciberdemocracia. A governança das sociedades passa pelo ciberespaço, pela ecologia da comunicação e da linguagem, fundamentais no desempenho do “papel capital” da evolução tecnológica da governança política (LÉVY, 2002, p. 28-29).

Os meios de comunicação existentes, associados às redes mundiais da comunicação interativa, providenciaram o surgimento de um novo espaço público encarregado por, também, criar novos espaços políticos, sociais, culturais e educacionais. Portanto, a comunicação e todas as suas nuances passam a ter representado na (ciber)democracia o recurso útil e reflexivo perante as opções do consumismo, da mercantilização das informações, do empoderamento das instâncias midiáticas e da divulgação instantânea daquilo que ocorre na aldeia global.

O útil na/para a democracia prima por investimentos que não trazem retorno imediato e muito menos financeiro (ORDINE, 2016). A economia invalida aquilo que é inútil à lógica da utilidade do mercado, pois tem como útil a produção e o consumo. A “economia dominante, infelizmente, ao desprezar tudo o que não é funcional à lógica utilitarista do mercado” prossegue no seu intento ao “[...] considerar somente a produção de consumo e, portanto, continua a sacrificar as artes da alegria em favor do lucro” (ORDINE, 2016, p. 24). O utilitarismo do lucro suporta críticas, exceto daquelas que desconsiderem a virtude do dinheiro, cogitando como inúteis as críticas que reiteram as injustiças daqueles que são/estão inaptos para acumular riquezas.

A internet tornou viável e potencializou a comunicação do mundo, oferecendo a praticidade do acesso as informações e ao conhecimento, pelo simples comando na ponta dos dedos. O ciberespaço ampliou as possibilidades da liberdade individual e coletiva, mediada pela comunicação e interlocução global. O indivíduo conta com a perspectiva de divulgar seu pensamento, sem depender da autorização de ninguém (LÉVY, 2002). O privado torna-se ostensivo ao consumo público, desde que validado pela entusiasta alternativa das curtidas, dos compartilhamentos e pelo apoio dos fragmentos de opiniões em comum, indiferente à formação da opinião pública. Neste contexto, torna-se notório a vulnerabilidade para

---

<sup>2</sup> Lévy (2002, p. 31) define a democracia onde ocorre “simultaneamente a ideia dos direitos e das liberdades, que implicam a eminente dignidade do cidadão [...], e a da deliberação, do debate e da busca comum das melhores leis e, portanto, da inteligência colectiva no que tem de mais nobre: a procura de uma regra justa, imparcial, universal. Em suma, a democracia compreende, ao mesmo tempo, a ideia de liberdade e a inteligência colectiva.”

[...] formar uma opinião pública, mesmo que tenhamos a liberdade de apregoar livremente as opiniões privadas, reduzidas a pílulas e lançadas globo afora em milhares de tuitos diários; e mesmo que estejamos até o pescoço num mar de comentários e estilhaços de percepções urdidos em brincadeiras, trocadilhos, invectivas e aforismos (MAURO, 2016, p. 13).

A opinião pública construída pela conectividade das redes, pode incluir “listas de discussões, fóruns, salas de conversação, redes de sítios interligados e outros dispositivos de comunicação próprios para as comunidades virtuais” (LÉVY, 2002, p. 53). No entanto, se tornou problemático formar a opinião pública, apesar da liberdade de comunicar as opiniões particulares em redes *on-line*, minimizadas a fragmentos de comunicação e propagadas globalmente em diferentes canais midiáticos, favorecendo o dedilhar indeterminado de comentários e de retalhos de percepções, embebidos por piadas, por subterfúgios, por provocações, por inverdades e por censuras pessoais. Para Mauro, (2016, p. 67), a opinião pública pode ser definida como o

[...] agente da ação social capaz de relativa autonomia e potencialmente aberta à consciência – algo que se move dentro de um contexto, ainda que separado dele, e que às vezes é capaz de incubar elementos de diferença, juízo, crítica, ou talvez até esteja apto a conceber uma ideia que possa lutar contra a maré.

A vida dupla da modernidade cibernética, do *on-line* e do *off-line*, define a utilidade do *Facebook*, por exemplo, ao proporcionar o número infinito de amizades (coisas) atrativas, fáceis e superficiais de amigos disponíveis nos acessos dos grupos e das redes de compartilhamentos *on-line*, do conectar o útil e do desconectar aquilo que se tornou inútil. Diferente dos amigos conquistados pela afinidade dos laços humanos e das comunidades vivas, os quais por uma razão ou outra se consolidam por vínculos afetivos úteis as relações interpessoais.

Romper com as “conexões *off-line* (fora do mundo), conexões reais, frente a frente, corpo a corpo, olho no olho” significa um episódio desafiador por se ter que manifestar os motivos do rompimento da relação (BAUMAN, 2016, p. 04). Na rede interconectada pela internet, basta pressionar a tecla do desfazer a amizade inútil para inutilizar os enfrentamentos e os sentimentos conflituosos das controvérsias. A transitoriedade das amizades em rede aflige o sentimento, as atitudes e os laços da vida humana, fragilizando-a pela intermediação das mudanças temporais infundáveis e pela certeza da incerteza, pela utilidade e inutilização das conveniências das relações. A câmera que se fecha, no encontro da reunião *on-line*, denuncia a (in)utilidade e a perplexidade daquilo que parece (in)útil.

A incerteza promove a instabilidade e o sentimento de impotência quanto às atitudes daquilo que já aconteceu ou que poderá acontecer, de modo a interferir na

autoestima dos indivíduos, limitando o devenir do sujeito e provocando a necessidade de uma solução mágica através daquilo que a tecnologia utilmente pode disponibilizar. A tecnologia se tornou no recurso hermético (in)útil, onde o indivíduo interage pelo “*echo chambers*” (câmara de eco) acostumando-se ao seu próprio eco e a sua própria imagem. A vida vivida em dois mundos concomitantes (*on-line e off-line*) pode isentar o diálogo, a palavra das relações – o olho no olho -, no que diz respeito a resolução útil dos conflitos e dos enfrentamentos utilizados para a compreensão da diversidade humana. (BAUMAN, 2016, p. 02).

A tecnologia utilizada na ciberdemocracia possibilita a fluidez em rede, tanto quanto a liquidez das relações. A “dispersão da atenção, a deterioração da capacidade de escutar e da faculdade de compreender” leva ao empobrecimento da capacidade de dialogar e da função utilitária da palavra enquanto forma de comunicação de vital importância ao mundo *off-line* (BAUMAN, 2016, p. 03). As redes podem ser definidas como o universo que subtrai o questionamento das ideias ou das preferências do seu criador, mas que têm nas publicações sustentadas e aplaudidas a visualização de quem as aprova.

Por sua vez, os dissidentes, que emitem certo estranhamento ao que é publicado, são exilados ao primeiro sinal de discordância. O dano causado pela ameaça da exclusão individual dos grupos em rede assinala “a perda da capacidade de analisar, da inteligência para discernir, [...] considerando que tais habilidades são essenciais à genuína liberdade” (BAUMAN, 2016, p. 85) e fundamentais para a construção do conhecimento. A utilidade da rede de contatos configura a reprodução tecnológica de um condomínio fechado, onde a murada protege seus residentes quanto a inutilidade do mundo externo.

A mídia, para os grupos sociais, permite o agrupamento dos iguais, facilitando a seleção rápida e contínua daqueles que são familiares, entre os que mais se gratificam pela semelhança utilitária, dando asas aos próprios pensamentos. A tendência de navegar entre os iguais, altera o sentido do conceito de igualdade, que até então, assinalava os aspectos culturais, sociais, políticos e educacionais. O significado de igualdade na era fluidificada compreende “[...] apenas concordância, um mundo concorde à minha volta” e a minha vontade (MAURO, 2016, p.104).

O diferente e de sentido antagônico pode ser excluído e/ou deixado a deriva daquilo que se move em cenários sociais baseados na competição e que interfere, assim na ampliação e na consolidação de relações educacionais e da vida democrática. Os “comportamentos políticos na sociedade ainda não são predominantemente democráticos [...] até menos democráticos do que os comportamentos dos políticos [...] na base da sociedade e no cotidiano dos cidadãos” (FRANCO, 2007, p. 87). Tais comportamentos podem ser arrolados pelo contrato da ciberdemocracia em um mundo global, estruturado em redes e que leva a interrogar o quanto a democracia pode ser (in)praticável.

## O CONTRATO ENTRE O ÚTIL E O INÚTIL DA CIBERDEMOCRACIA NA REALIDADE CONTEMPORÂNEA

A ciberdemocracia consiste no aprofundamento generalizado da liberdade e na busca da inteligência coletiva dos grupos humanos, em acordo com a otimização e “utilização dos saberes, das ideias e dos recursos presentes nas comunidades” (LÉVY, 2002, p. 31). Favorece as artimanhas da cooperação competitiva – habilidade e capacidade criativa e/ou inteligência coletiva, úteis ao desenvolvimento econômico –, cuja competência volta-se ao mercado, à cidade democrática e à comunidade científica produtora de conhecimento, ou seja, do uso econômico na diversidade livre existente em espaços de pesquisa, comunicação e cooperação.

A transformação do âmbito político, do público em privado, sustenta os fundamentos da ciberdemocracia, de modo que se manifesta pela vereda do consumo consciente, do investimento responsável e da governança mundial. Justifica-se pela interdependência humana do mundo, assinalando a utilidade das redes para a ampliação da comunicação (conhecimento) e do crescimento econômico global (LÉVY, 2002). Importa salientar que os “parâmetros expropriaram os atributos da política, reduzindo-a a um instrumento e transformando uma das ideologias sobreviventes, o neoliberalismo, em máquina governamental, talvez até numa espécie de Constituição material” (MAURO, 2016, p. 55).

A internet tornou-se em um substitutivo virtual, alterando a convivência dialógica da vida em comunidades contextuais e subtraindo a dialogicidade como ato político indispensável ao fomento da democracia, no seu sentido pleno. Deste modo, favorece ao indivíduo evadir-se do contato com a diversidade do contexto social, em que o mercado de trabalho, por exemplo, opera por contratos breves e inconstantes, na esteira da anulação das parcerias solidárias das relações. Portanto, não “há sentido em desenvolver lealdade para com nossos colegas de trabalho, os quais já não são mais companheiros de arma” (BAUMAN, 2016, p. 32). Deste modo, possibilita o reforço do individualismo na procura constante por realizações e pelo consumismo, como elemento central da organização da identidade e formação da personalidade humana.

A presença da tecnologia midiática impõe formas diferenciadas, no tempo/ espaço, para o modo de viver comunitário das pessoas. Permite a cada indivíduo o deslocamento instantâneo e interativo, sem sair do seu lugar. Interfere nas individualidades e na temporalidade das relações humanas, bem como, induz à sensação de liberdade para satisfazer os desejos pessoais. Os meios midiáticos da ciberdemocracia encarregam-se por prestar o serviço completo na divulgação e comercialização de mercadorias destinadas a satisfazer vontades ditas factuais e de produzir estilos de vida e de comportamentos que se liquefazem cotidianamente.

A liquidez das (con)vivências humanas, na perspectiva de Bauman (2016, p. 13), acompanham o diluir daquilo que poderia “dar forma e substância a pensamentos genuínos e bem organizados”, agregando e desenvolvendo a utilidade da palavra no debate inerente dos espaços sociais. Na sociedade em que os indivíduos se constituem como consumistas, ninguém se constrói “sujeito sem primeiro virar mercadoria, ninguém pode manter segura sua subjetividade sem reanimar, ressuscitar e reforçar, constantemente, as capacidades esperadas e exigidas de uma mercadoria vendável” (BAUMAN, 2016, p. 03).

O consumo paralisa as pessoas tornando-as escravas da consciência de que a felicidade está em comprar. Isto implica na utilidade da competitividade quando toma o lugar da solidariedade e da dialogicidade como úteis e fundamentais para a vida em democracia. O *Google*, bem à frente dos outros provedores da internet, conta com “dinheiro graúdo” para sustentar o marketing - pêndulo da política e da economia dirigida - e em criar os suportes de “identificação dos padrões” de preferência e persuasão do público alvo, tratando de satisfazer, democraticamente, as vontades “conscientes ou inconscientes” dos grupos em rede (BAUMAN, 2016, p. 86-87).

De outra forma, a internet embrenha-se e modifica os rumos das posturas políticas, tanto de quem conduz a democratização como de quem colabora para o acirramento dos poderes instituídos através da divulgação, manipulação, vigilância e controle do espaço público. A interlocução da vida política vai além da forma tradicional, podendo ser feita por *Twitters*, *Facebooks*, *Instagrams*, *Whatsapp* e tudo o mais que se possa idealizar para divulgar a comunicação ao público. A inserção política da ciberdemocracia, segundo Cardoso (2017, p. 03-04) se compraz da

[...] revolução tecnológica das comunicações e suas consequências no modo de produzir e, mais ainda, do aumento da produtividade e de tecnificação da produção, que significa a força humana pela máquina, ao mudar a economia muda também as formas de sociabilidade e muda a vida política.

Se “no passado o governo havia de cuidar dos editoriais de mídia escrita, da TV e dos grandes comentaristas políticos, atualmente cada cidadão é um ator, e o que ele expressa, certo ou falso – não há curadoria que nos diga – pesa na formação da opinião pública” (CARDOSO, 2017, p. 10). As transformações das relações humanas reguladas pela base da economia global e com apoio dos meios midiáticos interferem na indústria e nos empregos, modificam as dinâmicas sociais, culturais e políticas, influenciam na organização do trabalho, regulam o que deve ser a educação e a disseminação de valores, ou seja, determinam um protagonismo indiferente aos processos democráticos da cidadania.

O indivíduo se sujeita a espectador e útil consumidor, pelo inativismo do sofá, a aceitar as informações produzidas por outros e divulgadas pelas (in)úteis tramas das redes de comunicação. Diante do enredo das mídias que se expandem, a democracia expressa sua fragilidade e a política do Estado democrático se sujeita ao descontrole do poder que se globalizou pelo domínio da economia mundial. O sistema político se submete à orientação do mercado, estimulado pelas formas competitivas de regulação do espaço público, sujeito a concorrência privada dos políticos. Bauman (2016, p. 24) alerta que o Estado-nação

[...] está perdendo a sua capacidade de proteger a liberdade e a igualdade diante da escala e da complexidade de um mundo interdependente que está excedendo o nacionalismo e a insularidade soberana de suas instituições. [...] a soberania, a virtude do Estado-nação moderno, começa a parecer uma vítima prospectiva da globalização e de sua escala assustadora. [...] Estados-nação não são capazes de lidar com os desafios transfronteiriços de um mundo interdependente.

Os limites da ação política nos espaços/tempo sociais sucumbem à única sensatez do governo regido pela virtude do mundo econômico. A justiça vê tomado o direito de quem não souber acumular e fazer fortuna, como algo que se unifica e prospera no meio social e econômico. As diferentes invasões dos meios midiáticos, abalam a estrutura dos diversos quadros sociais e denunciam uma provável inoperância entre o útil e o inútil da (ciber)democracia. O mundo da *web* torna as pessoas vulneráveis, a sociedade exposta e acelera o desgaste da democracia.

Nessa fase dos acontecimentos, “devemos reconhecer o fato de que na rede extremamente densa de conexões que entrecruza nosso mundo, perdemos o fio de Ariadne que liga indivíduos a grupos, associações a partidos e sindicatos, nossas casas à vida dos outros e tudo isso a política” estruturante da democracia (MAURO, 2016, p. 28). A democracia da eminente dignidade cidadã pode ser compreendida “como hábito cotidiano de gestos e espaços particulares, como hábito de uma medida recíproca e de um equilíbrio entre a realidade e sua representação [...]” (MAURO, 2016, p. 133).

Nesse sentido, a “democracia surge pela luta de ampliação da cidadania e pela participação como modo de vida dos seres humanos” (SILVEIRA; LAUER; ESQUINSANI, 2021, p. 796). Para que se mantenha a confiança e a legitimidade na democracia, há que compreendê-la como a oportunidade premente das relações sociais, precha de ações que valorizem a participação e a comunicação pelo diálogo, afinal, a vida útil da democracia requer a atividade e o sentido da palavra ao se tornar pública (LÉVY, 2002, p. 46).

Portanto, o compromisso com o útil e o inútil nos espaços sociais e políticos da ciber(democracia), encaminham a necessária compreensão da crise social, beirando



ao colapso democrático. Mauro (2016, p. 92) alerta para a necessidade de questionar o significado do mundo cibernético como

[...] um mecanismo de conhecimento capaz de abarcar uma narrativa em sua unidade e completude, desde a origem até o clímax e o fim, recuperando os eventos desencadeadores, projetando-os sobre suas consequências, jogando luz sobre interesses legítimos e ilegítimos que dão vida à história. E acrescentando a coisa mais preciosa: uma ideia.

A ideia, compreendida como forma política e crítica, como relação, reflexão e ação desenvolvida mediante o sentido da palavra, como formação dos indivíduos, pode significar o recurso para ampliar a consciência quanto a (in)utilidade da ciberdemocracia e dos meios midiáticos disponibilizados pela internet. A ideia, pela palavra, se constitui no recurso indispensável de mobilidade dos contratos da ciberdemocracia, seja ela para o bem ou para o mal, e que move inúmeras (in)utilidades para a humanidade em rede do mundo global. Uma delas situa a possibilidade do acesso ao conhecimento e às informações constitutivas do meio educacional e dos campos da pesquisa científica.

## **A UTILIDADE DOS MEIOS MIDIÁTICOS PARA A EDUCAÇÃO E PARA A PESQUISA CIENTÍFICA**

A ciberdemocracia se desenvolve e se propaga por dinâmicas imensuráveis inseridas em meio as transformações globais, assim como se torna responsável por processos transformadores da vida humana, mas com algo em comum entre todas as renovações: a comunicação atribuída pela palavra.

As pessoas habitam e se relacionam em diferentes espaços sociais da aldeia global mediadas pela comunicação (in)útil construída pela palavra. Maturana, (1994, p. 10 a 15), anuncia que é pela “palavra que viene del latín “con” que quiere decir “junto con” y “versare”, que quiere decir “dar vueltas alrededor de una cosa”, es decir ir juntos, rondar en compañía” uns com os outros. Nesse sentido, o linguajar da palavra identifica o movimento de composição das relações e dos contextos da convivência humana. As experiências de vida são estabelecidas pelo fazer humano que tem na palavra a identificação do sentido das trocas e tem na comunicação a forma de disseminá-las. As redes de comunicação midiáticas consolidam diferentes formas do viver social e se manifestam no intercâmbio das mensagens efetivadas, mas que pouco se identificam com um diálogo.

Por sua vez, a palavra proporciona o contato com o outro e com o conhecimento existente enquanto que a comunicação pode apresentar e disseminar a palavra contribuindo, assim com as condições sociais democráticas. No momento

em que os conhecimentos são compartilhados, democraticamente, ocorre o processo virtuoso da partilha, da colaboração e do crescimento, ressignificando a utilidade do inútil e a inutilidade do útil dos acessos as redes da ciberdemocracia providas pela internet. No entanto, impera o compromisso quanto a como à educação, de todos os âmbitos e níveis, acolhe os canais de midiatização em favor do desenvolvimento do conhecimento e da formação humana.

O compromisso de quem se encontra à frente da formação educacional e científica dos indivíduos, sejam eles crianças, jovens, adultos ou pessoas com mais idade, está em torná-los reflexivos, “capazes de detectar as ortodoxias e os catecismos disfarçados de conhecimento que não cessam de rondar e tomar assento nos ambientes que frequentamos” (SANTAELLA, 2016, p. 12). Deste modo, mesmo que se tenha o mundo invadido pela cultura dos meios midiáticos, como potencializadores de oportunidades e de novas formas de realizar pesquisas ou de fomentar novas dinâmicas na educação

[...] educar um cidadão é cultivá-lo, ensinar-lhe a pensar e raciocinar por si mesmo, libertá-lo da tirania dos costumes, convenções e preconceitos, mostrar-lhe que vive em um mundo hipercomplexo e ajudá-lo a imaginar as visões da realidade do outro, sobretudo dos mais desfavorecidos, os que não têm voz” (AGUILERA PORTALES, 2008, p. 36, *apud* Santaella, 2016, p. 12).

Por outro lado, o conhecimento se constitui por processos contínuos e progressivos em decorrência das pesquisas que acrescentam e superam o já produzido, impulsionando as inovações e o desenvolvimento social. A comunicação formal e informal, encarregada por divulgar as informações e os conhecimentos, exerce sua contribuição ao provocar transformações e evoluções pelo efeito que produz. Nesse meio da comunicação, a internet<sup>5</sup> prospera pelo potencial e pela velocidade da força tecnológica digital no uso da palavra, dinamizadora de novas oportunidades para a educação e para a pesquisa científica. O contexto de pesquisa e de obtenção do conhecimento produzido, não se encontra reduzido “à simples organização das bibliotecas, mas alcança a sociedade informatizada com seu notável desenvolvimento tecnológico. A informatização afeta a pesquisa exatamente por modificar o processo de acesso ou de transmissão de conhecimento” (PAVIANI, 2013, p. 63).

Os meios tecnológicos responsáveis pela divulgação de informação disponibilizada pela mídia, abrangem diversos canais de disseminação de conteúdo, diretamente conveniados a sites especializados e ao jornalismo voltado à publicidade e à comunicação social. As mudanças mediadas e incentivadas pelos meios midiáticos vêm reconfigurando os contextos sociais, culturais e de formação dos sujeitos, (re)

<sup>3</sup> Para García (2010, *s/p*), a internet é o nome reduzido que significa *Internetwork* system (sistema de interconexão de rede de comunicação). “Ela significa muitas redes de comunicação diferentes, que são dirigidas e operadas por uma grande quantidade de organizações, que estão ligadas, interconectadas coletivamente para formar a Internet. É uma ferramenta que fornece acesso a uma imensa quantidade de informações disponíveis em todo o mundo”.

estruturando o acesso quanto à informação, à produção, à recepção, à circulação e à promoção dos conteúdos.

A onda de “mídiação da sociedade caracteriza-se pelo forte papel atribuído à mídia que [...] molda e enquadra processos e o discurso da comunicação política, bem como a sociedade em que essa comunicação ocorre” (DUDZIAK et al, 2017, p. 213). A mídia digital se tornou num meio de comunicação de massa que permite uma nova forma de consciência sobre o mundo e uma nova visualização interativa, cultural e social (LÉVY, 2002). As formas de comunicações como meios de transmissão de informações pela palavra, desde a fala até as redes de mídias digitais atuais, que possibilitam “não só de moldar o pensamento e a sensibilidade dos seres humanos, mas também de propiciar o surgimento de novos ambientes socioculturais” (SANTAELLA, 2003, p. 13).

O amplo potencial da internet em publicar fatos e ideias se desloca para as comunidades virtuais que incorporam o divulgado e reelaboram novas comunicações. A mudança de paradigma das redes *on-line* na divulgação das comunicações, proporciona uma ecologia de signos (LÉVY, 2002) fluidica, capaz de emitir mensagens e conceitos que atingem um público específico e com potencial para formar consciências e opiniões sobre os fatos. De acordo com Fischer (2002, p. 86), a mídia se

[...] constitui em espaço de “visibilidade de visibilidades”; ela e suas práticas de produção e circulação de produtos culturais constituiriam uma espécie de reduplicação das visibilidades de nosso tempo. [...] se faz um espaço de reduplicação dos discursos, dos enunciados de uma época. Mais do que inventar ou produzir um discurso, a mídia reduplicá-lo-ia, porém, sempre a seu modo, na sua linguagem, na sua forma de tratar aquilo que “deve” ser visto ou ouvido. Isso quer dizer, então, que ela também estaria simultaneamente replicando algo e reproduzindo o próprio discurso [...].

O recurso da expansão do mundo digital pela internet, disponibiliza um suporte para ativar o desenvolvimento do conhecimento pela pesquisa, assim como oportuniza a inovação das práticas educacionais. A “Internet se apresenta como nova mídia, mais do que sua estrutura atual, deve-se considerar as transformações que está trazendo para os outros meios de comunicação e a provável união entre eles” (LEITE, 2001, s/p). Para a educação, a internet pode significar uma completa, abrangente e complexa ferramenta de aprendizado sobre o que existe no planeta. Através dela, se torna possível localizar fontes de informação virtuais e que habilitam o pesquisador à diferentes áreas do conhecimento. Para os pesquisadores e para a comunidade científica, representa um recurso indispensável e de possibilidade do “acesso aos mais avançados recursos de pesquisa do mundo.

Desta forma, pode-se discutir pesquisas com outros colegas que trabalham com as mesmas preocupações e procurando-se alcançar resultados iguais” (GARCIA, 2010, s/p). A institucionalização da internet no mundo do conhecimento rompe e estimula

conceitos e práticas, pois a expansão das tecnologias da informática e comunicação tem desencadeado reverberações na estrutura social das sociedades globais. Santaella (2003, p. 23) defende a ideia de que os intelectuais e pesquisadores tenham que se dedicar “[...] à tarefa de gerar conceitos que sejam capazes de nos levar a compreender de modo mais efetivo as complexidades com que a realidade em mutação nos desafia”.

Há que se pensar as artimanhas de poder em que a tecnologia midiática do contexto pós-digital se encontra e “buscar caminhos que passem longe do saber esterilizado que não pensa sobre si mesmo e não se autocritica” (SANTAELLA, 2016, p. 11). O pensar ultrapassa o diálogo silencioso e individualizado, mas identifica-se num pensamento que se expõe ao se relacionar com a realidade e, assim, realizar a ação do pensar pela palavra. “Palavras ditas e escritas são partes materiais da realidade, dotadas de poder brando de agir sobre o mundo psíquico e social nos efeitos que produz” (SANTAELLA, 2016, p. 12).

Portanto, os fenômenos midiáticos merecem certo espaço/tempo de reflexão e de análise para considerar a equivalência dos critérios relacionados à abordagem dos temas, valores, afetos, saberes e interesses que interferem na democracia, nas relações da política e do poder, em como se (re)define o público e o privado, como se estabelece a divulgação das informações, como se define e possibilita a participação popular e como são movimentadas (manipuladas) as pesquisas de opinião movidas em (des)estabelecer a democracia.

Pensar a “tecnologia, nesta era do pós-digital, significa implicá-la nas táticas e estratégias do poder. [...] É preciso questionar o que nos é dado como verdade e refletir sobre as condições atuais de modo a conceber o horizonte vital que hoje se apresenta” (SANTAELLA, 2016, p. 10). A maneira como a mídia se faz acontecer, estabelece uma nova “ordem, a ordem da videopolítica, segundo a qual as tecnologias de comunicação produzem modos de existência, estilos, que se apresentam como naturais, como imediatos, sugerindo que a familiaridade das imagens [...] se imponha como garantia de verdade [...]” (FISCHER, 2002, p. 89). Há que se buscar estratégias de análise e de uma postura crítica quanto ao que é comunicado, superando o conhecimento esterilizado.

Os recursos tecnológicos dispensados pela ciberdemocracia internalizaram a mensagem da indústria de que se a tecnologia não for adotada pelos indivíduos, o problema é da pessoa que nega o progresso. As tecnologias são um grande negócio criado para vender outros produtos, dissimulados por uma ideologia de tornar o mundo melhor. Por outro lado, como teria sido o confinamento humano durante a pandemia do Coronavírus (COVID-19) se não existissem as ferramentas midiáticas? A crise imposta a educação pela pandemia, determinou a conexão *on-line* entre professores

e estudantes, em que a tecnologia mudou processos e comportamentos inseridos na educação, cuja temática denota outro estudo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir as reflexões em torno do útil e do inútil da ciberdemocracia, inserida nos meios sociais, econômicos, culturais, políticos e na educação, torna-se possível considerar que os meios midiáticos favorecem a ditadura do mercado, regrado o poder pela face econômica como ferramenta de manipulação e exploração dos indivíduos. Afeta diretamente as formas de convivência e de relação entre os elementos que integram os grupos sociais (*on-line e off-line*) efetivando a (in)utilidade dos meios cibernéticos. Os indivíduos assemelham-se a objetos utilizáveis e necessários à ampliação da circulação dos canais de comunicação interconectados globalmente.

As redes estabelecem o livre consumo e incentivam o livre comércio, adaptando-se ao desejo individual de cada consumidor. Tal estratégia favorece o crescimento da governança econômica global, pois produtos podem ser adquiridos, instantaneamente, das mais variadas partes do mundo e afirmando a interdependência da globalização. Por outro lado, as comunicações *on-line* tornam voláteis as relações dialógicas necessárias à consolidação da democracia cidadã e comprometem o ato político na organização das sociedades.

Os canais de comunicação midiática disponibilizam um vasto leque de conhecimento que pode contribuir para a educação, de modo geral, assim como para a pesquisa científica. Resta o desafio de como pode ser conduzido o compromisso com o (in)útil da ciberdemocracia, utilizando-se dos recursos da revolução cibernética para estabelecer reflexões sobre o que é divulgado, numa relação dialógica com fatores reais da vida cotidiana. As reflexões até aqui apresentadas denunciam as formas midiáticas a serviço do consumo e da ampliação econômica, mas que por outro lado indicam a necessidade de alternativas que viabilizem a ampliação (crítica) quanto ao próprio consumo e utilização do conhecimento.

## REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

AGUILERA PORTALES, Rafael Enrique. *Teoría política e jurídica: Problemas actuales*. México: Porrúa, 2008.

BAUMAN, Zygmunt; MAURO, Ezio. **Babel entre a incerteza e a esperança**. Rio de Janeiro, Zahar, 2016.

CARDOSO, Fernando H. Democracia em crise? **Quinto Seminário Luso-Brasileiro de Direito em Lisboa**. Fundação FHC, 2017.

DUDZIAK, Elisabeth A. et al. Competência Informacional e Midiática: uma revisão dos principais marcos políticos expressos por declarações e documentos. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**. São Paulo, v. 13, n. especial, jan./jul.-2017.

FISCHER, Rosa M. B. problematizações sobre o exercício de ver: mídia e pesquisa em educação. **Revista Brasileira em Educação**, n. 20, Mai./Jun/Jul/Ago-2002.

FRANCO, Augusto de. Alfabetização Democrática. **Rede de Participação Política do Empresariado**, Curitiba, 2007.

GARCIA, Paulo Sérgio. **A Internet como nova mídia na educação**. Disponível em: <[http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:Fwo9SqHOAKEJ:www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos\\_teses/EAD/NOVAMIDIA.PDF+%&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br](http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:Fwo9SqHOAKEJ:www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/EAD/NOVAMIDIA.PDF+%&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br)>. Acesso em: set./2021.

LEITE, Sílvia P. M. Internet e Ciência: o potencial da internet como contribuinte para o desenvolvimento da Ciência. **INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**, Campo Grande: XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação, set./2001.

LÉVY, Pierre. **Ciberdemocracia**. Lisboa-Portugal, Instituto Piaget, 2002.

MATURANA, Humberto. **La democracia es una obra de arte**. Santafé de Bogotá-Colômbia, Editorial Linotipia Bolívar y Cia. S. em C.,1994.

PAVIANI, Jayme. **Epistemologia da Prática**. Caxias do Sul: EDUCS - Editora da Universidade de Caxias do Sul, 2013.

ORDINE, Nucio. **A utilidade do inútil um manifesto**. Rio de Janeiro, Zahar, 2016.

SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano – Da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2003.

SANTAELLA, Lucia. **Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano**. Revista Famecos, Porto alegre, nº 22, dezembro 2003.

SANTAELLA, Lucia. **Temas e dilemas do pós-digital – A voz da política**. São Paulo: Paulus, 2016.

SILVEIRA, Carmem L. A.; LAUER, Munir J.; ESQUINSANI, Rosimar S. S. **O sentido do brincar e do jogar na infância como fundamentos para a construção da democracia social**. Rev. Bras. Estud. Pedagog., Brasília, v. 102, n. 262, p. 787-801, set./dez. 2021.

UTILIDADE. *In*: Dicionário Oxford Languages. 2022. Disponível em: <[https://www.google.com/search?q=defini%C3%A7%C3%A3o+de+utilidade&rlz=1C1GCEA\\_enBR1015BR1015&zoq=defini%C3%A7%C3%A3o+de+utilidade&aqs=chrome..69i57j0i22i30l4j0i15i22i30l2j0i22i30l3.8266j1j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8](https://www.google.com/search?q=defini%C3%A7%C3%A3o+de+utilidade&rlz=1C1GCEA_enBR1015BR1015&zoq=defini%C3%A7%C3%A3o+de+utilidade&aqs=chrome..69i57j0i22i30l4j0i15i22i30l2j0i22i30l3.8266j1j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8)>. Acesso em: agosto 2022.

Submetido em: 14/02/2022.

Aprovado em: 24/01/2023.